

O Caso Crioulo

Mário Lúcio Sousa

Antigamente, um grande grupo de pessoas podia ser considerado um pequeno mundo. No mundo de hoje, um pequeno grupo de pessoas é um grande mundo. Nele, podemos encontrar diversas procedências, distintos traços, várias semelhanças, várias línguas, uns a falarem o francês, outros, o português, alguns o espanhol e quase todos, o inglês. Mesmo que haja diferenças nos sotaques, o espanhol é língua única, o português é o mesmo, do Brasil a Timor, o francês *idem*, da Nova Caledónia a Madagascar. E mesmo que toda a gente fale o inglês dos seus mais diversos modos, a língua inglesa também é uma só, da Irlanda à Jamaica. Porém, há uma língua una e diversa neste mundo: o Crioulo, que, embora assim se chame de Macau às ilhas Seychelles, não é nem de

longe nem de perto uma única fala. O Crioulo não é sequer uma língua única. Há Crioulo de base lexical portuguesa, falado em Cabo Verde, na Guiné Bissau, em São Tomé e Príncipe, no Curaçao, na Guiné Equatorial, em Macau, Timor e na região dos Palenqueros na Colômbia; há Crioulo de base lexical inglesa na Libéria, nas Maurícias, em Trinidad, na Jamaica, em Barbados, em St. Lucy e outros; Crioulo de base francesa em Martinica, Guadalupe, Haiti; e Crioulo de base holandesa, no Suriname. Curiosamente, a língua que deu ao mundo a palavra “crioulo”, o castelhano, não deixou um Crioulo de base lexical espanhola para a história. Da Ásia à África, se perguntarmos aos natalícios dessas regiões que língua falam?, respondem Crioulo. É um fenômeno único. Para além de único, essa noção de agrupamento une homens, homens que também, para além da língua, se identificam como Crioulos. Ora, este facto é uma evidência de que devemos falar. Pois, desde que os pigmeus, os caucasianos, os coptas, os etíopes, os negros, os amarelos e os azuis entenderam chamarem-se Homens, para além dos adjectivos gentílicos, não tinha havido outro tão amplo grupo de gente identificada sob um mesmo substantivo, o Crioulo. Isto é, se fizermos a ponte na evolução da espécie, temos dois grandes grupos de homens, o *Homo sapiens* e o *Homo crioulo*.

Estamos perante o fenômeno moderno mais antigo da era moderna, e perante uma fonte viva de ensinamentos quotidianos. Recentemente, ouvi duas afirmações óbvias

e sinceras que deixaram a Europa e o Mundo confusos. A chanceler alemã Angela Merkel afirmou que a integração na Alemanha falhou. Dias depois, o presidente Sarkozy confessava que a França não tinha conseguido integrar os outros. Falavam evidentemente da integração dos milhões de emigrantes e seus descendentes. Digo que é óbvio, porque a experiência crioula está ali para o mostrar: a Integração é uma política segregatória e nunca resulta a longo prazo, é sempre uma solução transitória de lidar com o novo, e é um adiamento da nova era inesperada. Nós sabemos que a Integração passa por um desejo de aculturação e de assimilação. Pode resultar com os emigrantes, mas não resultará com os filhos destes. Desde que o Homem sonhou com a Lua, falar de Diáspora é uma coisa lunática. O Planeta Terra é a casa da Diáspora. Os emigrantes podem se submeter à Integração, porque a Integração é previsível, é programada, é estratégica e é condutível. Mas, Crioulo, que em castelhano arcaico significava “os nascidos aqui”, supõe uma ideia de dois mundos. E a criouliização é um fenômeno imprevisível. É isso que surpreendeu o mundo há pouco tempo com as eleições nos Estados Unidos da América. A principal diferença contextual entre o reverendo Jesse Jackson e Barack Obama é que o primeiro é afro-americano, filho da Diáspora negra nascido na América, e o segundo é Crioulo, filho de um emigrante africano e uma americana de gema. É um contexto em que só afro-descendente não chega, e só americano também não. E é nesse contexto

que a maioria latina se viu espelhada, os negro americanos também, os que querem um novo espaço identitário também. É essa a situação de milhares de franceses e alemães e ingleses. São Crioulos. E não se pode tentar integrar aqueles que já estão dentro e são diferentes daqueles que sempre estiveram dentro e daqueles que sempre estiveram fora. Tentar integrá-los é excluí-los da sua particularidade. O mundo é que se deve adaptar. O fenómeno da criouliização é tão imprevisível que chegou aonde menos se esperava, o Japão. Nos anos oitenta, vários descendentes de japoneses de São Paulo, Brasil, emigraram para a sua suposta terra natal. Quando ali chegaram, não eram nem suficientemente brasileiros para serem exóticos, nem tradicionalmente japoneses para serem aceites. Hoje, têm os seus clubes de futebol, as suas rodas de samba, os seus carnavais, os seus sotaques e a sua cultura-síntese, e até se denominam os *cariokés*.

Quando falamos de Crioulo, estamos perante um caso em que a língua materna é posterior à língua oficial. Estamos perante o surgimento de uma nova ideia de civilização e de cultura. Estamos perante um caso em que a aliança das civilizações se deu num indivíduo, depois na família, logo, na sua sociedade, e agora no mundo. E quero dizer-vos que não estou a falar de teoria, estou a falar da vivência. Se querem um exemplo de um futuro do mundo, digo-vos que ele já é velho e data do século XV. Quando um filho de um homem negro e de um homem branco se viu no dilema de decidir que língua

falar, ou se devia tocar o tambor ou o violino, se devia adorar Xangô ou Santa Bárbara, e optou por sintetizar as diferenças num terceiro elemento, ele começou a dizer ao mundo que um novo mundo já começara. Mestiços somos todos, porque ser mestiço é uma contingência genética. Mas o Crioulo não é a mestiçagem, não olha para a cor da pele, nem dos olhos; não olha para regiões nem para religiões, é uma conduta e uma assumpção. É a assumpção da cultura de um novo mundo, em que o homem não é do lugar de origem, mas de onde se sente bem, pode ter várias raízes e ser o outro na diferença. É o que podemos chamar da “Cultura da Relação”. Se a aliança é um pacto, e já é uma grande coisa, a Relação é um facto. É a necessidade absoluta da aceitação da Terra como a Casa do Mundo. A condição humana precisa disso. A Cultura da Relação é cada um existir em parte no outro, é todos sentirem o todo que existe em cada um.

Muitas vezes se sita Cabo Verde como um exemplo de democracia, de *bonne gouvernance*, de liberdade, de convivência e de direitos humanos. Estudiosos e especialistas do mundo buscam e teorizam sobre o segredo deste sucesso. Não há apologia nenhuma. Na condição de Crioulos, a nossa história ensinou-nos cedo que não é fácil ser-se um pedaço do verdugo e um pedaço da vítima no mesmo corpo; não é pacífico conviver com metade escravo e metade patrão na mesma alma; não é fácil carregar uma metade oficial e uma metade clandestina na mesma folha de papel; não é evidente ser livre com

vários nós em mim. Estamos, assim, perante um caso novo em que o melhor termo é identidades, no plural. Hoje em dia, depois do termo “Homem”, todo o termo é redutor, mas o mais inclusivo que eu conheço é Crioulo. Para além da língua, eis um termo que abarca a União Europeia (caso de Portugal, França, Reino Unido, Espanha e outros), União Africana (caso de Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé, Ilhas Maurícias, Seychelles), *Coommonwelth* (Libéria, Jamaica, Barbados, Maurícias, Seychelles), Franconfonia (Casamance, Cabo Verde, Martinica, Réunion...), OEA (Cuba, Colômbia, Haiti, Santo Domingo, Brasil). Crioulo inclui cristãos, muçulmanos, budistas, umbandas, candomblés, *sante-rías*, *voudous*. Crioulo implica continentes (África, Ásia, América, Europa); surca mares: Caribe, Pacífico, Índico, Norte, Sul e todo o Atlântico. Olhando bem, estamos perante uma geografia em que não mais são suficientes cinco oceanos e cinco continentes para nos confinar cada um no seu espaço; estamos perante uma antropologia em que Quatro Raças não bastam para catalogar um indivíduo. Estamos perante uma Linguística em que uma língua não é o mesmo idioma, nem a mesma fala, nem a mesma escrita. Com a criouliização há um espaço outro onde não é preciso integrar ninguém, mas sim entrar na Relação.

Há vários estágios e processos de criouliização: há fenômenos Crioulos incipientes, como em Macau, no Timor, no Japão, e em certas comunidades migrantes na

Europa; há outros que estão em consolidação, como no Brasil, na Colômbia, nas Antilhas, nos Estados Unidos, que estão a passar a fase da Negritude; e outros que já estão no esquecimento, como Cabo Verde, Cuba. Mas, a consolidação é apenas uma toma de consciência ou uma elaboração conceitual. Porque criouliização mesmo, dizia Edouard Glissant, é dialéctico e não pode ser definido.

São fases que eu, por agora, catalogo como sendo: 1^a — *a fase da Différence*; 2^a — *a fase de La indefférence*; 3^a — *a fase de La Non-différence*.

O Crioulo é uma identidade de união. Quando nas Caraíbas um indivíduo tem o passaporte francês e o avô é senegalês, tem apelido Ndaye e a bisavó é bretã, está na América e não é índio, se diz negro e é considerado branco em África, se diz *métisse* e é considerado *black* na Europa, o factor de unidade de todos esses valores e contradições se dá no facto de se poder ser Crioulo, uma identidade inclusiva. E é ali onde se espera que o mundo venha confluír. Não num *pot pourri*, numa rapsódia ou numa salada russa, mas numa identidade-síntese e de raízes múltiplas, comunicativa com todas as diferenças. A visão é esta: não olhamos para o que nos diferencia, mas, sim, em que nos parecemos. É certo que a semelhança pressupõe a diferença. Mas a diferença está no axioma. A semelhança pode ser o único traço que nos distingue.